

**VALOR SEM USO  
E ODM**

**JORGE  
BRAGA  
DE MACEDO**  
&  
**ANA  
DE MACEDO**

A primeira versão deste texto foi concluída durante uma visita ao *National Bureau of Economic Research* em Cambridge, Massachusetts. Passear pelas terras de Ken Galbraith, cujo discurso presidencial de 1972 à Associação Americana de Economistas se intitulava *Poder e economistas com uso*, e de Paul Samuelson, cuja descrição de Marx como um “pós-Ricardiano menor” ficou célebre, ajudou-me a receber inspiração de mestres e amigos defuntos. Nessa mesma semana, ocorreu mais perto de casa outro evento inspirador: chegou da Finlândia uma antologia de ensaios do economista, empresário e coleccionador de arte Pentti Kouri (em colaboração com o Centro de Globalização e Governação da NOVASBE). Ora a introdução do livro *A coleção Kouri no Museu Kiasma de Arte Contemporânea* recorda que, para este economista, “possuir obras de arte deixou de ser um fim em si mesmo – o seu contacto pessoal com a arte tornou-se a razão de ser do acto de coleccionar”.

Este ensaio alia o *Sem uso* como tema do pensamento económico aos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio abreviados no título em ODM. Inclui uma instalação visual, patente no *Lounging Space* da EXD'11 (Tribunal da Boa Hora, Lisboa). No entanto, deve ficar claro que Ana de Macedo (AM) não é economista e que o antigo aluno de Kouri não é especialista em design conceptual. Gostaríamos de agradecer os

comentários do editor Frederico Duarte, de José Santos, guru de gestão do INSEAD (por ocasião da sua visita ao IICT – Saber Tropical), a Luís Cunha, economista internacional da NOVASBE, que partilhou a sua perspectiva sobre semelhanças entre moeda e objectos de arte, e o meu (JBM) irmão Renato Flôres da Fundação Getúlio Vargas no Rio, que escreveu um ensaio sobre este. É dedicado a Marjatta Huuhtanen, que laboriosamente reproduziu a tese de doutoramento apresentada no MIT em 1975 pelo seu irmão Pentti, tornando assim possível a antologia inspiradora que agora serve de suave lembrança dos valores da família.

#### INTERDEPENDÊNCIA, EQUILÍBRIO E INSTITUIÇÕES ECONÓMICAS

Quando comparadas com as leis da oferta e da procura, as questões planetárias relacionadas com o desenvolvimento sustentável podem assemelhar-se a uma ponte difícil de atravessar. Com efeito, o equilíbrio económico global reflecte fundamentalmente as forças de concorrência específicas e os custos de transacção que as restringem. Estes sugerem como o resultado natural não um, mas múltiplos equilíbrios na economia mundial. Um processo de ajustamento pode então levar a um equilíbrio institucional “alto” (pró-desenvolvimento) ou “baixo”, dependendo das condições iniciais e da dinâmica.

No artigo de 1991 *História contra Expectativas* Paul Krugman oferece uma perspectiva adicional: em alguns casos condições terminais conduzem os resultados, fazendo com que as expectativas superem a história. A configuração de processos de ajustamento apela, por vezes, a uma corrida até ao topo, onde a concorrência cria valor, ou a uma corrida para o fundo, onde se verifica o inverso. Esta indeterminação reflecte, por sua vez, crenças tradicionais na sabedoria e na loucura das multidões, sendo que ambas oferecem possibilidades válidas para o processo de adaptação a choques económicos. A literatura teórica sobre os chamados “jogos de emissor/receptor” aplica-se a todos os ramos da economia, mas também à biologia. É ainda aplicável a objectivos divergentes como cooperar para o bem comum ou aumentar ainda mais o fosso de desenvolvimento, sendo que ambos afectam a distribuição mundial da riqueza.

Equilíbrios múltiplos têm consequências muito diferentes para o bem-estar dos indivíduos, tanto hoje como amanhã. Um desafio crucial de desenvolvimento nasce assim da estrutura de incentivos oferecidos por instituições a organizações políticas, económicas e sociais, as quais estão bem adaptadas ao quadro institucional do país no qual evoluem. Graças a externalidades de rede, essas organizações

conquistam muitas vezes rendimentos adicionais devidos à produção em larga escala. Os chamados rendimentos crescentes à escala contribuem para o aumento do sucesso ou para a rentabilidade das suas operações e resultam em equilíbrios institucionais múltiplos, uns “altos” outros “baixos”. Os primeiros levam à convergência do produto interno bruto (PIB) *per capita*; os segundos produzem divergência.

Os rendimentos crescentes estão normalmente associados a instituições, mas também, e cada vez mais, reflectem o conhecimento e a tecnologia. Além disso, com o advento da globalização financeira e do aumento da esperança de vida, surgem questões intra- e intergeracionais. O grau de paciência colectiva não só das pessoas, mas também das empresas e outras organizações, torna-se um parâmetro crucial do cálculo da relevância de eventos futuros. Obviamente, a paciência aplica-se a comportamentos de poupança, já que o consumo imediato seria sempre preferível se não compensasse adia-lo através da poupança. O mesmo argumento aplica-se a instituições de cooperação inter-temporais: se elas não existem na esfera política, não são executáveis acordos entre partidos.

Os rendimentos crescentes à escala dependem de investimentos anteriores em tecnologia relevante, o que faz com que sejam

determinados pela história. Nesse caso, pode não haver escolha entre um equilíbrio institucional mais ou menos favorável ao desenvolvimento. Como são os eventos passados que definem as condições prévias que conduzem a economia em direcção a um ou outro estado estacionário, é essencialmente determinada pela história a escolha entre equilíbrios múltiplos. Mas há condições em que o factor determinante para o equilíbrio é conduzido pelas expectativas. As mudanças graduais no quadro institucional de um país emergem das percepções e expectativas dos empreendedores políticos, económicos e sociais, bem como das organizações. Nesse caso, todos eles poderiam obter melhores resultados ao alterar o quadro institucional existente, não sendo todavia capazes de se coordenar à volta de um resultado preferencial. Essas percepções e expectativas estão decisivamente dependentes da maneira como a informação é adquirida, avaliada e processada.

Os três parâmetros fundamentais para as expectativas são a taxa de desconto, a velocidade de ajustamento e a força dos rendimentos crescentes. Os três ambientes em que existe um equilíbrio baseado nas expectativas podem ser combinados numa comparação entre a taxa de desconto de consumo futuro e os rendimentos crescentes à escala de produção, relativamente à rapidez com que os trabalhadores se ajustam à

expectativa das diferenças salariais entre sectores de alta e baixa tecnologia. Adaptações mais rápidas ajudam a evitar reversões nas políticas públicas, para um dado nível de interdependência no tempo e no espaço. Alternativamente, a maior interdependência (menor desconto e/ou maiores rendimentos à escala) valida as expectativas de mudança institucional para uma dado nível de adaptabilidade.

No modelo de Krugman, a história determinará por si o equilíbrio se forem satisfeitas condições sobre aqueles três parâmetros. Parafraseando-o quase literalmente, as pessoas não se importarão muito com as futuras acções de outrém se descontarem fortemente o futuro, o que eliminará a possibilidade de profecias auto-realizáveis. Quanto mais pessoas descontarem o futuro, ou seja, quanto maior for a sua impaciência, mais elas se tornam prisioneiras da história! Segundo, se as economias externas forem diminutas, não haverá interdependência suficiente entre as decisões de agentes individuais. Terceiro, a história será tanto mais determinante quanto mais vagaroso o ajustamento da economia.

A lógica aqui é que os rendimentos dos factores de produção ficarão perto dos níveis correntes durante mais tempo, quaisquer que sejam as expectativas, se a adaptação for suficientemente lenta. Por outras palavras, a

reafecção futura dos factores trabalho e do capital acompanhará as remunerações presentes. Quanto mais flexíveis forem as pessoas, menos a história pesará; inversamente, se estas se adaptam lentamente, a história torna-se decisiva e é difícil ou impossível romper com um equilíbrio institucional menos favorável ao desenvolvimento.

#### VALOR, LUXO E PENSAMENTO DE GRUPO

Tal como Thomas Malthus, os economistas clássicos eram muitas vezes vistos como promotores de uma visão da economia enquanto “ciência do desespero” - um termo cunhado em 1849 pelo historiador Thomas Carlyle. A extensão desta ciência ao estudo e promoção do equilíbrio, agregação e dinâmica gerais – como descrito por John Hicks na sua obra de 1939, *Valor e Capital* – ajuda a reconhecer a ligação à revolução Keynesiana e às origens da contabilidade nacional como medida do PIB. Isto leva-nos naturalmente a procurar medidas agregadas de bem-estar colectivo para além daquelas observadas nas medidas consistentes do PIB mundial *per capita*, tal como previsto pelo falecido Angus Maddison.

Os economistas clássicos caracterizavam o uso de uma mercadoria do seu valor de troca como meio para definir a sua procura. É esse o caso de Karl Marx, que afirmou que “o valor de uso em si mesmo fica além do campo de

investigação da economia política”, mas também de Adam Smith e o seu paradoxo da água e diamantes, o qual vale a pena citar na íntegra, ao fim destes anos todos: “As coisas que têm maior valor de uso têm, em geral, pouco ou nenhum valor de troca; e, pelo contrário, as que têm o maior valor de troca têm, geralmente, pouco ou nenhum valor de uso. Nada é mais útil do que a água: mas esta não consegue comprar praticamente nada; praticamente nada pode obter-se em troca dela. Pelo contrário, um diamante não tem praticamente qualquer valor de uso; no entanto, pode normalmente obter-se grande quantidade de outros bens em troca dele.” Este célebre exemplo da discrepância e contradição entre um valor aparentemente sem uso em termos de necessidades vitais e um valor de troca que deriva da escassez, mas também do conflito em torno do comércio de diamantes, acompanha perfeitamente a referência da cultura popular de que os diamantes são “o melhor amigo da menina material”.

Paradoxalmente, em lugares onde a água é gratuita o seu valor de troca pode ser inexistente, mas o seu valor de uso é imutável. A água potável também pode ser tão escassa que a sua obtenção se torne um desafio diário na mesma terra em que é gratuita. Assim, no sétimo ODM (“Garantir a sustentabilidade ambiental”), um dos alvos quantificáveis é o acesso à água

potável: a definição do preço da água em relação à sua escassez determina a sua consecução.

Em geral, a discrepância entre valor de uso e valor de troca reflecte padrões de oferta e procura, os quais incluem data da transacção, antecipação de tendências futuras e evolução dos hábitos de consumo. Enquanto o preço que reflecte o valor de troca é observável, o seu valor de uso permanece subjectivo. O paradoxo da água e diamantes de Smith e a afirmação de Marx de que o valor de uso é externo à economia sugerem, assim, uma falta de proporção entre aquilo de que realmente precisamos e aquilo que podemos pagar.

Enquanto exibir riqueza e *status* é uma aspiração natural nas sociedades humanas – dentro e entre tribos ancestrais isoladas, em grandes civilizações urbanas ou nas redes sociais de massa na Internet – as pessoas também valorizam, e compram, objectos com ou sem uso avaliando o seu valor exclusivamente pelo preço. Ora isto pode permitir discriminação de preços em função do comprador na medida em que o mercado permita o que se chama em teoria dos jogos um “equilíbrio separador”. A separação entre os que podem e não podem adquirir bens de luxo acelerou a globalização deste mercado. Esta reflecte, por seu turno, a transferência global de riqueza para a Ásia e níveis diferentes de aceitação social do consumo ostensivo no tempo e no espaço.

No virar do século Jim O’Neil, economista da Goldman Sachs, apresentou em *Construindo melhores “tijolos” económicos globais* (trocadilho fonético em inglês entre “brick” e as iniciais de Brasil, Rússia, Índia e China) projecções da convergência entre grandes economias emergentes e o grupo dos sete países mais avançados. Estas projecções mostraram que a convergência foi impulsionada pelo crescimento esperado de uma classe média ansiosa por poder comer carne e ter carro próprio. Por sua vez, *Sonhando com Brics* (o título de uma sequela de 2003) sugeria um rápido crescimento do consumo de bens de luxo. O aumento sustentado de rendimentos no Sul e no Leste forneceu uma base para o optimismo que precedeu a crise de 2008: países com PIB *per capita* relativamente baixo apresentavam mercados de luxo comparáveis aos dos países da OCDE em virtude de a sua população ser muito maior. Aprender as diferenças de escala é essencial para a compreensão do sistema global de transferência de riqueza.

Modelada num artigo que escrevi com Kouri em 1978 (e incluí na antologia referida acima) e tida como certa num relatório de 2010 do Centro de Desenvolvimento da OCDE, esta transferência de riqueza dos países desenvolvidos para as economias emergentes é também questionada por Renato Flôres, em *Enquanto*

*continua a crise: uma redistribuição mundial da riqueza?* comunicação que apresentou na Primavera passada num seminário promovido por IICT, NOVASBE e Academia de Ciências de Lisboa. Nele, o economista brasileiro duvida da “rectidão do *status quo* face aos seus vários delitos, e uma vontade inquestionável em reinstaurar o jogo, com as devidas correções, tal como este se apresentava antes da crise”. Flôres interroga-se ainda acerca do “consenso prematuro” associado ao pensamento de grupo (um conceito a que Krugman prefere chamar “supressão incestuosa”) pode ter prevalecido tanto em instituições financeiras complexas, como nos seus supervisores.

Para perceber como o pensamento de grupo está ligado à globalização devem ter-se em conta as mentalidades nacionais e regionais nas suas matizes e nichos dentro de populações que podem concordar ou não com o próprio conceito de globalização. Dentro da realidade da Internet vasta e virtual, mas cada vez mais social, surgem outras tribos com objectivos análogos independentes da distância geográfica. Isto está a criar uma proximidade que pode ser mentalmente motivada exclusivamente por interesses, causas ou mesmo excentricidades no gosto e estilo de vida comuns.

Estas possibilidades, inéditas antes das redes sociais e do mudo virtual se tornarem prática corrente, significam que pessoas parecidas

já não precisam de se encontrar física, geograficamente. Não obstante, as tribos virtuais podem não ser verdadeiramente independentes das tribos geográficas: isto levanta a questão de como o pensamento de grupo regional pode influenciar a cultura, a arte e o design num mundo globalizado – onde todos os gostos e valores podem ser expressos e reconstituídos na Internet.

#### FELICIDADE, POBREZA E CONHECIMENTO MÚTUO

A sociedade global está a ser simultaneamente unificada e dividida entre pessoas, empresas, nações e continentes em ascensão e em queda. Com efeito, aqueles que correm para o topo e aqueles que correm para o fundo podem encontrar-se a meio do caminho – e podem até nem estar cientes da corrida em si. A propagação global das tecnologias de informação e dos instrumentos financeiros promovem o pensamento de grupo através de respostas tribais entre e dentro de países, ligando nichos de interesses comuns em todo o lado, divulgando o conhecimento e promovendo a especialização de maneiras nunca sequer sonhadas pelos economistas clássicos. No extremo oposto, ninguém pode ser considerado como sem uso, à mercê daqueles para quem a vida humana em si é privada de valor para além da troca.

Embora possa ser mais rentável matar e

vender órgãos no mercado negro do que preservar a vida humana, há uma rejeição ética absoluta e uma preocupação crescente acerca da pobreza e da ausência de perspectivas de desenvolvimento em muitas partes do mundo. Isto tem acompanhado uma crítica às medições habituais do bem-estar colectivo, as quais criam um outro paradoxo: a relação entre preço de mercado e felicidade social. Querera isto dizer que adquirir um objecto caro, no sistema capitalista tradicional, é considerado um acto importante em si mesmo que ignora a nossa consciência empática enquanto seres humanos? A resposta da análise económica que arrebanha esses efeitos em “custos da transacção” deve certamente ser ainda mais desconstruída. Chegamos assim à beira da questão filosófica: onde é que valores de uso e de troca se encontram numa realidade integrada? Onde é que entra em jogo uma espécie de efeito placebo de estatuto social? Poderá o questionamento literal do valor de uso em termos de felicidade genuína, em proporção ao valor de troca definido pelo mercado, desencadear uma reformulação do que é ainda um sistema económico do capitalismo global? Serão aquisições ostensivamente perniciosas meras tentativas de afirmar um estatuto social baseado em princípios que já não são sustentáveis? A resposta, para além do âmbito deste ensaio, pode emergir a

partir da exposição conceptual descrita a seguir.

Durante algum tempo, as preocupações com os países pobres levaram a tentativas de os isolar do comércio internacional de bens, serviços e activos. Mas Amartya Sen, ao definir pobreza como carência de oportunidades, reflecte a incapacidade do pobre ter acesso aos mercados onde se trocam bens e serviços. Do mesmo modo, ver-se a fome como um desconto extremamente elevado de consumo futuro, ajuda a dirigir o enfoque para as causas do desenvolvimento desigual no espaço e no tempo, e seus remédios.

É aqui que entra o relatório Stiglitz. Lançado há dois anos no Grande Anfiteatro da Sorbonne em Paris, este relatório foi elaborado pela Comissão de Alto Nível sobre a Aferição do Desempenho Económico e do Progresso Social, liderada por Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean-Paul Fitoussi, a pedido do presidente francês, Nicolas Sarkozy. Christine Lagarde, então Ministra das Finanças, elogiou o trabalho da *Comissão da Felicidade*, como lhe chamou.

Embora fosse dirigido principalmente a economias avançadas, o relatório revelou uma preocupação crescente com as diferenças nos padrões de vida através do tempo e do espaço, mesmo no contexto de aceleração do comércio e da globalização financeira nas décadas de 1990 e início de 2000. Por causa da visibilidade dos seus autores e patrocinador, o relatório tem conseguido

promover uma maior sensibilização para a chamada “investigação da felicidade”. Sítios como o [www.trackyourhappiness.org](http://www.trackyourhappiness.org) notificam voluntários e pedem-lhes que descrevam o que estão a fazer, com quem, e quão felizes se sentem. Um dos resultados é que “estar no presente aumenta a sua felicidade”, mas o elevado desconto do futuro que essa felicidade implica contrasta radicalmente com a impaciência que se aplica àqueles em situação de pobreza absoluta. Embora todos concordem que a felicidade é subjectiva, os governos do Reino Unido, Butão, Canadá e França começaram a medir regularmente este conceito (uma recensão da literatura por John Lloyd apareceu no *Financial Times* de 30/31 de Julho sob o título “Prova positiva”).

A escassez, a poluição, os recursos naturais limitados e a superpopulação têm-nos levado a uma tendência global generalizada que enfatiza a procura de uma maior responsabilidade ambiental e social, tanto por parte dos consumidores e dos produtores, para não falar dos governos.

Partilhar algo com a nossa comunidade assume um significado diferente através das novas relações e da comunicação trazidas pelos meios de comunicação e pelas redes sociais virtuais. Podemos agora considerar mais agradável partilhar bens com a nossa comunidade, como testemunham as redes sociais de troca e de partilha, do que ostentar individualmente a nossa

riqueza, o que é visto em alguns círculos como um acto de ostensivamente imodesta auto-promoção.

E aqui voltamos a um dos conceitos principais de valor (sem) uso em economia e design – *menos como mais*, um preceito bem conhecido dos designers de produto contemporâneos preocupados com a sustentabilidade, mas menos amplamente aceite na teoria económica, onde a forma básica de interacção social e financeira anda à volta da troca por troca. Para além da crise global, podemos promover o surgimento de uma consciência colectiva que envolve a economia da felicidade ao minimizar a pobreza, o desperdício e a produção supérflua, e ao maximizar a durabilidade, a qualidade da manufactura e o bem-estar geral. Esta tendência reforça os esforços para o bem comum, tais como a concretização dos ODM usados no título deste ensaio.

Esta influência leva ao multilateralismo dentro de uma perspectiva económica e ambientalmente sustentável. Contudo, na raiz do “fosso digital” especificamente abordado numa das metas subjacentes ao oitavo ODM, sentimos um “fosso de desenvolvimento” mais profundo que desfaz a colectividade global em grupos altamente estratificados os quais, por sua vez, são influenciáveis por formadores de opinião radicalmente diferentes.

Para avaliar o que tem ou não tem uso,

somos levados a questionar valor e valores. Precisamos de uma abordagem interdisciplinar para alcançar uma transformação de paradigma. Dada a interdependência de toda a diversidade, somos rapidamente forçados a perceber que precisamos de unir forças, através do conhecimento e da amizade mútuos, se quisermos enfrentar os desafios da recriação de comunidades sustentáveis. Este pode realmente ser o motor de uma redistribuição da riqueza do Norte para o Sul, do Ocidente para o Oriente. O facto tão esquecido de Marx temer o travão capitalista que a China e a Índia poderiam exercer sobre a Grã-Bretanha socialista é aqui relevante. Os seus *Grundrisse (Elementos Fundamentais para a Crítica da Economia Política)*, escritos entre 1857 e 1861 como um rascunho para *Das Kapital*, só foram publicados em 1939-1941. Terminamos com outro feliz acaso, desta vez do Sul e não do Norte: a primeira tradução dos *Grundrisse* para português foi lançada há poucos dias, graças à Boitempo Editorial e à Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta tradução sublinha o papel crucial do melhor exemplo que conhecemos de multilateralismo baseado na cultura, que é a declaração de Bissau sobre os ODM, apresentada em 2006 pela Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Declaração que menciona explicitamente o “conhecimento mútuo” como

uma alavanca, juntamente com a vontade política e a influência financeira, para a gestão do multilateralismo baseado na cultura. A tentativa de aumentar o conhecimento mútuo entre oito países muito diferentes que partilham uma história e língua comuns tenta desafiar a natureza do pensamento de grupo dentro de organizações e nações, onde existe uma negligência generalizada da cultura nos assuntos multilaterais. Proporciona também a ressaca adequada a um ensaio sobre o progresso económico e o aumento do bem-estar colectivo.

EXPOSIÇÃO CONCEPTUAL *SEM USO*

Intitulada *I'm Useless?! (Eu sou sem uso?!)*, esta instalação de design conceptual é uma aplicação interpretativa da teoria económica do valor sem uso dos objectos e activos financeiros ao valor de uso humano de realização individual e de “rendimentos”, no sentido de contribuição para a consciência colectiva e bem-estar. Os pontos de interrogação e de exclamação apelam ao ser ou sentir-se literal ou emocionalmente inútil, ao mesmo tempo que expressam um convite à introspecção através da identificação ou aversão ética a máscaras emocionais ilustrativas e simbólicas oriundas de todo o mundo, as quais representam emoções primárias e metáforas de personalidade e valores.

Para ilustrar a diversidade de identidades humanas, egos e avatares, eu (AM) elaborei um conceito em torno do tema de máscaras emocionais globais. Estas “máscaras *emoticon*”, que simultaneamente representam diversidade cultural e diferentes etapas de desenvolvimento económico e social, referem-se a estereótipos de marketing, assim como tribos virtuais, teatrais e literais que recorrem a máscaras de auto-expressão e de transformação da identidade. O consumo excessivo e insustentável levou indivíduos a um vazio pós-moderno de questionamento da inutilidade da existência e da

própria identidade que, por sua vez, pode levar à infelicidade generalizada, à falta de auto-realização e à crise social e económica.

O objectivo desta instalação é levar os visitantes a reflectirem sobre a sua própria utilidade, a sua posição no mundo, e também sobre a importância de nos envolvermos num activismo mais social e ambiental através de uma tomada de consciência das disparidades na distribuição da riqueza. Os ODM sublinham uma aspiração planetária em direcção à erradicação da fome e da pobreza extrema, do estabelecimento da sustentabilidade ambiental e da promoção de parcerias globais para o desenvolvimento, entre outros objectivos colectivamente benéficos e úteis.

O valor de uso do nosso propósito na vida é uma forma de envolvimento social, num paradigma idealista onde felicidade e desenvolvimento são complementares. As “máscaras *emoticon*” simbolizam diferentes realidades sociais e emocionais ao nível artístico e etnológico, em torno dos temas da identidade (corporal, metafísica, teatral, ritualista), felicidade, riqueza, *status*, ostentação e materialismo. As máscaras também se referem à volatilidade do cânone estético dentro do que aqui chamamos de “fosso do desenvolvimento”: enquanto na América a obesidade está associada à pobreza e à decadência, em África, por exemplo, o excesso de

peso é considerado como um sinal não só de riqueza, mas também de beleza e de fertilidade. Por outro lado, na indústria da moda, os modelos muitas vezes sofrem de anorexia na esperança de manter beleza e *status*, ao passo que em países atingidos pela pobreza isto é um sinal de fome. O reconhecimento destes contrastes geográficos e temporais nos cânones estéticos pode libertar todos aqueles que são metafórica ou literalmente vítimas das ditaduras da moda sobre o conceito de beleza. A insegurança de se sentir sem uso que advém de não corresponder a parâmetros de atractividade consensuais e locais pode desaparecer e servir de incentivo para a auto-responsabilização e utilidade.

Nesta instalação, a questão provocadora e inquietante “Eu sou sem uso?!” representa a desintegração de um sistema em colapso em que o uso e o valor ainda podem estar acima dos direitos inalienáveis do ser humano: (tal como indicado na declaração de independência dos Estados Unidos – o único (?) país que inclui estas mesmas expressões na sua constituição): a vida, a liberdade e a procura da *felicidade*.

Os contrastes globais de valores e estética serão ilustrados por um planisfério gigante onde as “máscaras *emoticon*” serão geograficamente posicionadas de acordo com a sua origem associada. Graficamente, estas servem para comunicar e chamar a atenção para mitos

culturais de beleza e emoção, e também de como o valor sem uso do nosso papel numa sociedade de consumo pode levar à ambição de uma comunidade global mais cooperativa e consciente.